

ASSOCIAÇÃO NUMISMÁTICA DE PORTUGAL 45 ANOS



Nestor Fatia Vital, em 1973, na Casa do Minho, em Lisboa disse na altura que a ideia da criação do então Clube Numismático de Portugal, hoje Associação Numismática de Portugal (ANP), *“não era fazer concorrência à Sociedade Portuguesa de Numismática, da qual alguns dos aderentes eram sócios, mas sim promover a formação de mais um centro de desenvolvimento numismático no nosso país, em moldes de convívio activo, de permuta e de esclarecimento”*.

Dessa reunião deu eco a Revista Moeda na edição de Junho de 1973, tendo nessa noite sido eleita a comissão organizadora do Clube Numismático de Portugal, a qual ficou assim constituída: Nestor Vital; João Deus Antunes; José Carlos Vergílio; Henrique Delgado; Manuel Varella (editor da Revista Moeda); Justino Vieira; Gaspar Passos de Almeida; António Miguel Trigueiros; Bernardo Pereira da Silva; Horácio Caio e Paulo de Lemos, tendo sido este último aclamado presidente da referida comissão organizadora.

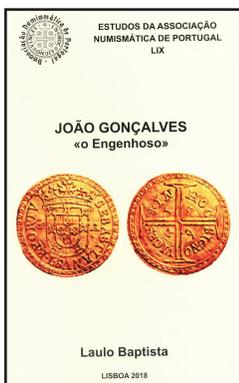
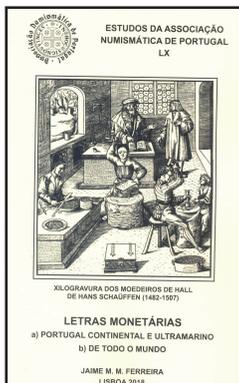
Muitos foram aqueles que, ao longo de 45 anos, deram parte do seu tempo, para que esta prestimosa instituição chegasse até aos nossos dias com uma longa história de eventos realizados em prol da numismática.

Actualmente o seu presidente é o Engº Ilídio Pinto e o vice-presidente e director da “Numismática” Jaime Ferreira, a quem auguramos bons êxitos na condução dos destinos desta já madura associação.

Um dos acontecimentos que ao longo dos anos tem sido mantido pelos responsáveis da ANP é a realização do almoço anual de aniversário, que sempre contou com um considerável número de associados.

Este ano a cidade escolhida foi Lisboa, e o local, o restaurante Chaminés do Palácio, sito no Palácio da Independência, no Largo de S. Domingos, bem no coração da capital.

Este evento é também aproveitado para ser oferecido aos inscitos, estudos de numismática, editados pela associação.



Este ano não fugiu à regra, e no final do almoço foram oferecidos dois estudos inéditos: o primeiro, da autoria de Jaime Ferreira, intitulado LETRAS MONETÁRIAS (de Portugal Continental e Ultramarino e de todo o mundo), com 146 páginas e muita informação sobre o tema.

O segundo, intitulado JOÃO GONÇALVES «o Engenhoso», da autoria de Laulo Baptista, aborda nas suas 38 páginas a figura de João Gonçalves, conhecido com a alcunha de “o Engenhoso”, nascido no início do séc. XVI, natural de Guimarães, e que foi um notável abridor de cunhos e fundidor de metais finos.

Uma outra surpresa, esta paga a um preço simbólico, foi a publicação intitulada COLECTÂNEA DE ESTUDOS NUMISMÁTICOS DE MÁRIO GOMES MARQUES, onde se encontram os seguintes

estudos publicados entre 1981 e 1987: Dinheiros de D. Afonso IV; Evolução Cronológica da Numária de Dom Fernando; O Grão de Lear; A Mutação Monetária de 1568 e Taxonomia Numérica.

Antes do almoço, foi feita uma visita guiada ao Palácio da Independência, também conhecido por Palácio dos Almadas.

Palácio da Independência, porque esteve ligado à Restauração da Independência de Portugal (1640), e Palácio dos Almadas porque era o sobrenome da família proprietária do Palácio, que o vendeu, segundo informação da guia que nos acompanhou, por uma oferta irrecusável a uma empresa, dando origem à edificação de uma central eléctrica com 4 andares, no interior dos jardins, já demolido.

Doado ao Estado em 1940 e após a sua ocupação sucessiva por vários organismos, o Palácio foi cedido na sua totalidade à Sociedade Histórica da Independência de Portugal, em 1983, a qual procedeu a obras para a instalação de serviços, biblioteca e zonas de exposição, encontrando-se em fase de recuperação, incluindo os painéis de azulejos.

Já com a visita a terminar, a surpresa veio no fim, quando o grupo se dirigiu ao jardim, nas traseiras do palácio, onde a guia, a historiadora Dra. Ana Proserpio, anunciou que os conjurados estavam à nossa espera. E, de facto, quando en-





Troço da muralha Fernandina, vendo-se ao cimo a porta, já encerrada, por onde entravam os conjurados

trámos numa pequena sala (Sala dos Conjurados), junto ao troço da muralha fernandina, lá se encontravam alguns conjurados, devidamente representados em figuras expressivas, e que foram alvo de interessante apresentação por parte da referida historiadora.

A muralha foi mandada construir por D. Fernando no século XIV para proteger a cidade dos ataques dos castelhanos, pois a cidade de Lisboa tinha crescido para além das antigas muralhas. Neste local a muralha serviu também como passagem para as reuniões secretas dos conjurados que planeavam a restauração da

independência naquela sala.

Mais disse a guia que as reuniões dos conjurados, naquele local, e que foram muitas, passavam despercebidas a todos quantos se encontravam no palácio, pois naquele tempo os jardins eram ocupados por densa vegetação e árvores que não deixavam ver do edifício o pavilhão onde ocorriam as reuniões. E ninguém imaginava que elas se fizessem “nas barbas” do poder político de então.

A segurança dos conjurados e o facto de não ser detectada a sua chegada, devia-se também ao facto de ela se processar por uma porta existente ao cimo da muralha (actualmente fechada) onde se encontravam as escadas que davam acesso directo ao pavilhão.

Estão de parabéns os responsáveis da ANP, ao proporcionarem aos presentes no almoço comemorativo dos seus 45 anos, a rara emoção de estarem no local onde os quarenta conjurados planearam as reuniões que deram origem à restauração da independência no dia 1 de Dezembro de 1640 com o derrube do jugo filipino e com a aclamação de D. João IV como rei.



O presidente da A.N.P. apresentou, no final do almoço, os estudos de numismática.